

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (PARTE II)**  
**14 e 25 de julho de 2025**

**CIMITERO SENZA CROCI / UNE CORDE UN COLT... / 1969**  
(“Cemitério Sem Cruzes”)

*Um filme de Robert Hossein*

*Realização: Robert Hossein / Argumento: Robert Hossein, Claude Desailly, Dario Argento (nem sempre creditado) / Música: André Hossein / Direção de Fotografia: Henri Persin / Design de Produção: Jean Mandaroux / Guarda-roupa: Rosine Delamare / Gestão de Produção: Jean Mottet / Assistência de Realização: Tony Aboyantz, Lucio D'Attino / Som: Guy Villette / Efeitos Especiais: Rosine Delamare / Interpretações: Michèle Mercier (Marie Caine), Robert Hossein (Manuel), Guido Lollobrigida (Lee Burton), Daniele Vargas (Will Rogers), Serge Marquand (Larry Rogers), Pierre Hatet (Frank Rogers), Philippe Baronnet (Bud Rogers), Pierre Collet (Sheriff Bem), Ivano Staccioli (Valle Brother), Béatrice Altariba (Beatrice Altariba), Michel Lemoine (Eli Caine), Anne-Marie Balin (Diana Rogers) / Cópia: Digital, cor, falado em italiano, com legendagem eletrónica em português / Duração: 90 minutos / Estreia Mundial: 25 de janeiro de 1969, França / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

\*\*\*

Robert Hossein é um dos segredos mais bem guardados na história do cinema francês do pós-guerra. Uma espécie de *avis rara* no contexto da Nouvelle Vague, Hossein desmultiplica a sua carreira na qualidade de ator-autor e de realizador-autor. São vários os filmes em que entra, sob a direção de cineastas tão diferentes como Roger Vadim e Marguerite Duras, e outros tantos que realiza e escreve, auxiliado amiúde por uma equipa mais ou menos estável de atores e criativos, por exemplo, pelos argumentistas Claude Desailly e Frédéric Dard, pelo pai, o músico André Hossein, e pela (ex-)companheira Marina Vlady. Seja como realizador, seja como ator, ou em ambos os casos, quer dizer, dirigindo-se a si mesmo, Hossein persiste num processo, eminentemente lúdico, de deslocalização temporal, jogando com marcas de géneros populares e transfronteiriços como o filme de terror, o *thriller* ou policial e o *western*. “Filme após filme, procurando o mesmo ambiente estranho, violento e erótico, a mesma *malaise*, normalmente acentuada pela música de seu pai, através de uma dezena de títulos, nem sempre bem recebidos pela crítica (à exceção de **Le vampire de Düsseldorf** [1965]), mas que o grande público da época acompanhava”, pode ler-se no *Dictionnaire Larousse du cinéma*.

Com a intensidade de um ator americano, à laia de um “Montgomery Clift francês”, fez de Rodion Raskólnikov (rebatizado como René Brunel) na adaptação francesa do clássico de Fiódor Dostoiévski, **Crime et châtiment** (1956), realizado por Georges Lampin e, na qualidade dupla de realizador e protagonista, contracenando com Marina Vlady, incarnou um espião inglês (a fazer *bluff*?) no intenso *huis clos* bélico, da Segunda Guerra Mundial, **La nuit des espions** (1959), com o qual, aliás, talvez fosse possível e desejável entabular-se um diálogo trans histórico com **Le silence de la mer** (1949), a longa-metragem de estreia de Jean-Pierre Melville, outro realizador “deslocado” culturalmente, quer dizer, refratário do seu “espaço-tempo”, razão pela qual também ficou conhecido como o mais americano dos cineastas franceses (e quiçá europeus). Hossein continuou a aventurar-se na proposta de um cinema plenamente desterritorializado quando realizou o magnífico – e injustamente esquecido – **Le goût de la violence** (1961), com argumento

co escrito por Claude Desailly, no que parece ser a mais perfeita *blueprint* para aquilo que executa aqui, em **Cimitero senza croci**.

**Le goût de la violence** é um *western* desenrolado na América Latina e embalado por uma intriga digna de Budd Boetticher ou de Anthony Mann: um grupo de revolucionários procura seguir à risca a missão de fazer chegar ao seu líder a filha do ditador local. Se a linha pura da narrativa, baseada no enfraquecimento moral do grupo à medida que a viagem progride no espaço, remete para os grandes clássicos, a paisagem, a mensagem política e alguns apontamentos de montagem e de realização são mais dignos de um *Zapata Western avant la lettre*, da autoria de Sergio Sollima ou de Sergio Corbucci. No entanto, Hossein tem a sua escola e, apesar de desterrado ou desterritorializado *pelo* e *no* seu próprio país, foi essencialmente um ator e um realizador francês. A marca trágica, *malaise* quase niilista, e a pulsão romântica, que lateja no olhar que costuma trocar com as suas iminentes conquistas femininas, normalmente sob um sequestro qualquer, aproximam-no tanto de François Truffaut como, decisivamente, de Robert Bresson. A equação é algo complicada se não tivermos visto nenhum filme de Hossein ou se só tivermos visto aquele título que vem mais citado em textos – nomeadamente *nos in memoriam* – como obra de referência que o salvou das habituais “más críticas”: **Le vampire de Düsseldorf**, uma espécie de **M** (1931) em que o medo ou terror é substituído por uma atração fatal pela possibilidade do homicídio em série poder, de facto, amar. É um filme justamente reconhecido, mas Hossein tem mais a oferecer, isto ao contrário do que se lê, nomeadamente em necrologias escritas de maneira apressada à data da sua morte, no esquisito ano pandémico de 2020.

**Cimitero senza croci** é outro dos pontos altos da filmografia de Hossein. Um *spaghetti* com a cadência – uma atenção especial dispensada ao gesto na sua repetição, aos silêncios ou aos ruídos *in-significantes* – que, com efeito, lembra Bresson e uma intensidade romântica – nesses mesmos gestos e, de novo, no olhar-vampirizante do actor visando as suas vítimas, sobretudo as femininas – que podia pertencer a uma personagem, ou à equação romântica, de Truffaut. Volto a sublinhar estas duas referências pois são elas que fazem deste filme muito mais do que uma mera homenagem copista ao popular subgénero italiano que, à data, quer dizer, no final da década de 60 do século passado, atingia simultaneamente o seu ponto de culminação e de não retorno.

Hossein havia sido “recrutado” por Sergio Leone para integrar o elenco do *spaghetti*-para-acabar-com-todos-os-*spaghetti* **C'era una volta il West** (1968). Por razões contratuais que o vinculavam à Gaumont, Hossein viu-se impedido de integrar esse projeto de sonho, transformando a oportunidade numa resposta, quer dizer, “convidando de volta” Leone a realizar uma sequência inteira do seu novo filme, um *western* expressamente e expressivamente dedicado ao seu “amico Sergio Leone”, como se lê no cartão final que os espectadores podem (e devem) degustar sob o intenso “fogo” do tema principal composto pelo pai Hossein e cantado por nada mais, nada menos do que Scott Walker. Trata-se da relativamente longa cena à mesa, filmada sem diálogos, com Hossein/Leone a tirar partido da sobreposição de olhares e de rostos que “inquirem” a presença de “o estranho”, Manuel, o pistoleiro interpretado pelo realizador *lui-même* que acede à proposta (indecente) da ex-amada (papel de Michèle Mercier, atriz que contracenara com Robert Hossein na popular série de filmes históricos **Angélique**) para vingar a morte bárbara do seu marido. A cena estala num dos poucos momentos cómicos de **Cimitero senza croci** e é, digamos assim, “puro Leone”. Mas também tem a marca do que Hossein desenvolve ao longo de 90 minutos: uma tentativa de trabalhar o género operático e por vezes excessivamente burlesco do *spaghetti* – mérito ou culpa de Leone, mas também de Corbucci e Sollima, para voltar a citar os dois outros Sergios – no sentido da sua “bressonização” plena. Um *spaghetti* “só osso”, seguindo a máxima escrita por Bresson nas suas *Notas sobre o Cinematógrafo*: “On ne crée pas en ajoutant, mais en retranchant” (“Não se cria adicionando, mas subtraindo”).

**Cimitero senza croci** participa ativamente nesta, digamos assim, “lógica ablativa” de eliminar para melhor se ver e se sentir, tornando audível e palpável (concreta ilusão!), “o estilo” ou a própria *mise en scène*, a começar pela mecânica dos corpos em ação ou imobilizados e a culminar no jogo – e intensos duelos – de imagens e sons rarefeitos. Poucas palavras são ditas, desde logo, mas também as ações são tão velozes que acabam elididas – ou diluídas – no espaço-entre da montagem, como se atesta no fabuloso *shoot-out* duplo, em que é através do ouvido que nos apercebemos do disparo, sendo este realizado ou concretizado, de maneira fulminante, nas imagens *que nos são atiradas* de corpos caídos: como um bom “impressionista”, Hossein oferece – retém e enaltece – o efeito antes da ação. O finalíssimo duelo de **Cimitero senza croci** rima com uma das últimas cenas de **Le goût de la violence**, em que a personagem de Hossein enfrenta a mulher (sequestrada) somente com o olhar e prescindindo da arma de fogo. Ação temerária, de um heroísmo romântico desmedido, que, no território cínico, cruel e pantanoso do *spaghetti*, não lhe será venturosa. Muito pelo contrário.

Luís Mendonça